

Ensaio puramente especulativo sobre o livro Exílios

Nota prévia: tenham em conta a escala e as diferentes e abismais proporções mas, mesmo assim:

*Then even nothingness was not, nor existence,
There was no air then, nor the heavens beyond it.
What covered it? Where was it? In whose keeping?
Was there then cosmic water, in depths unfathomed?*

*Whence all creation had its origin,
he, whether he fashioned it or whether he did not,
he, who surveys it all from highest heaven,
he knows - or maybe even he does not know.* [\[11\]](#)

Hino da criação Rig Veda (129)

Como se diz no Rig Veda...antes, quer a não existência quer a existência, não existiam...

Quando a criação aconteceu, aquele que tudo observa do mais alto céu, saberá ou talvez nem ele próprio saiba.

Antes, não havia o livro Exílios, o objecto, o produto, esta coisa chamada Exílios. Antes, tudo estava em paz e esta rotura, perplexidade, manifestação da memória, não tinha lugar, não ocupava espaço, não era referenciada, não interrogava.

Inquietaram-se algumas consciências e vieram reclamar sobre a ausência das suas memórias, das memórias de todos os exilados, das memórias de todo o campo m-l, das memórias do “também nós gostaríamos de estar representados”. Das memórias a que também têm direito. Que este livro é sectário, que é tudo malta da OCMLP...e os outros e nós também disseram alguns. No subtítulo deste livro escreve-se e cito “testemunhos de exilados e desertores portugueses na Europa (1961-1974). DE... e não DOS. Portanto alguns, em português correto. Temos sido

interpelados nas várias sessões de apresentação do livro sobre este tema. Gente que se sente excluída por não fazer parte desta coisa. Temos respondido com alguma leveza: que mil livros de memórias floresçam. E, se quiserem, com o profissionalismo que nos é reconhecido, a gente edita e pré-vende o vosso livro antes de ele existir, como foi o caso de Exílios.

Agora, curiosamente, até os investigadores/historiadores dizem: “isto é tudo malta do Grito do Puobo”. Eu diria de outra maneira: isto é malta que se licenciou no Comunista, fez o mestrado no Grito do Puobo e o doutoramento no PCP R., em Erasmus claro!

E isto porquê? Claro que fomos tão dogmáticos como qualquer bom maoísta na época, mas tínhamos a capacidade de ter prazer na política e de estabelecer fraternos laços com os camaradas que se fizeram amigos e tudo está bem desde o hamburger vegetariano, até à mais ousada galinha de cabidela. Ainda hoje pensamos que devia ser uma seca, militar com o Eduíno ou com os trotskistas ultra-organizados. Costumo dizer que queremos contar “a alegria, a entrega, uma certa anarquia, o risco, o medo, o prazer, a adrenalina de ser parte activa num mundo em transformação”. É essa a nossa marca e é isso que marca as nossas memórias, as memórias destes estrangeirados. Sei que ninguém acreditava que este livro se fizesse. Estou a ler os vossos pensamentos no encontro do Rabaçal e a frase que me ocorre é: “cantas bem mas não me encantas”. Estes textos foram “tirados a ferros”. Mas, como temos esta capacidade infundável de jogo de cintura e dispomos de uma rede que estava adormecida e que acordou, foi possível produzir esta coisa, estas memórias. E hoje,

temos orgulho no trabalho feito por várias razões mas, sobretudo, porque é uma criação única no panorama da produção memorabilística portuguesa. Vinte e dois “caramelos” e “caramelas” para ser politicamente correcto, atrevem-se e por cá para fora esta coisa que, estou cada vez mais convencido, provocou algumas perplexidades nos investigadores destas coisas. É, certamente, gente oriunda do mesmo grupo político. Nunca quisemos, nem queremos, produzir memórias m-l ou maoístas ou ser representantes de um qualquer exílio total e mítico. Somos o que somos, fizemos o que pudemos, outros que se cheguem à frente. Não enfiámos a carapuça do sectarismo. É demasiado fácil e, pela nossa sabedoria política, topamos isso a grande distância. Este livro acabou, isto é, está esgotado. Foi um sucesso em toda a linha. Muitos outros projectos na forja sempre na mesma linha. “Uma faísca pode incendiar toda a pradaria”

Fernando Cardoso, Lisboa, 25 de junho 2016